

VISÃO

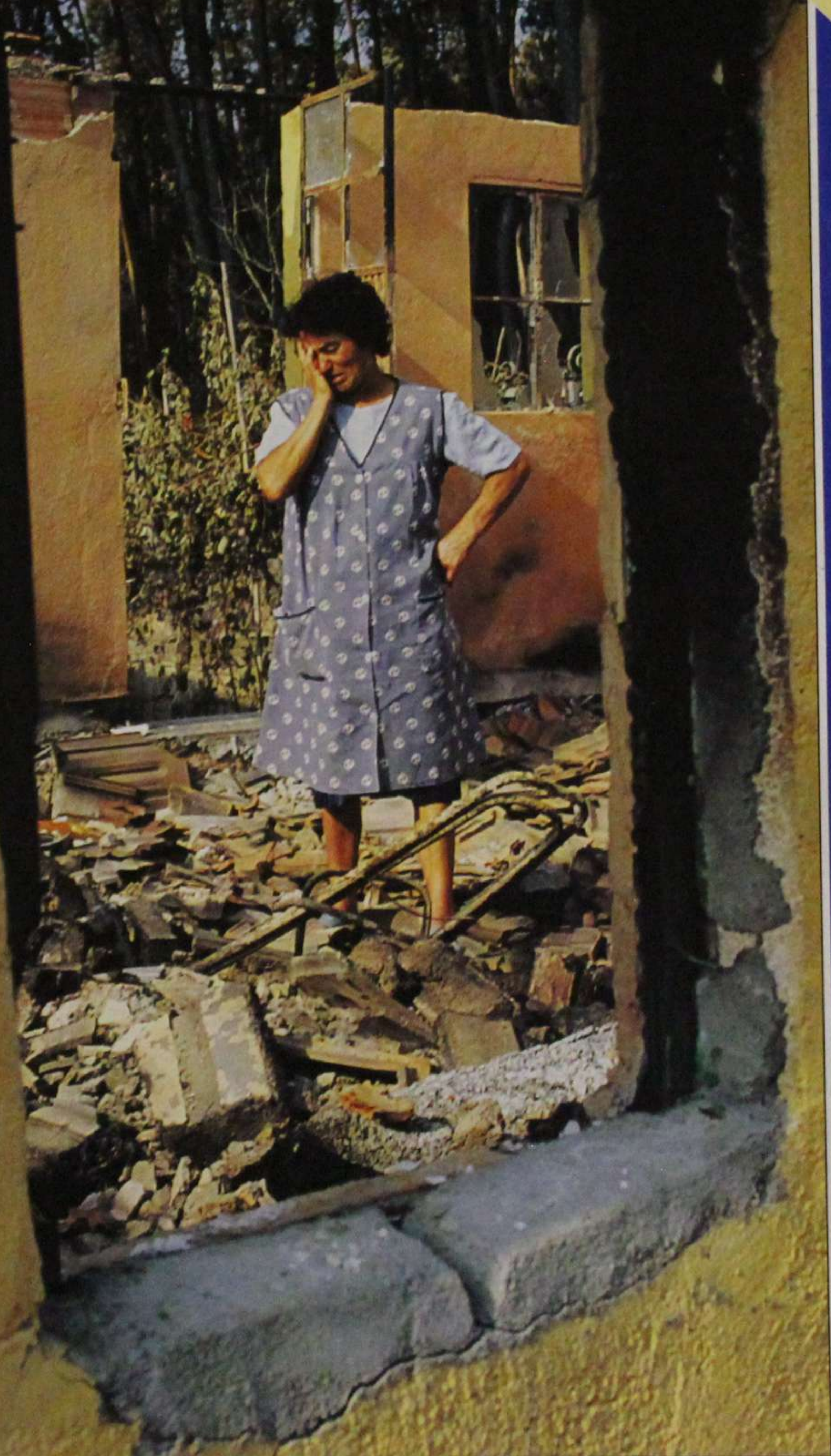
MARCELO ESCREVE
SOBRE CAVACO

Dramas de Verão

O DIA EM QUE O FOGO CHEGOU À ALDEIA

O MASSACRE DOS YANOMANI

Enviados especiais
relatam tragédia
na Amazónia



Perfumes de mulher

Ainda Proposta Indecente. Este filme tem o mérito proletário de se dirigir às massas

Ela aceita, ou não...? Nos últimos tempos, já ouviu com certeza esta pergunta dezenas de vezes. Porque os jornais fizeram, a propósito, inquéritos para todos os gostos; porque o assunto teve honras de pretexto para debate no super talk show de Oprah Winfrey, uma das mais populares comunicadoras nos EUA; porque a «apresentação» do filme com a proposta escaldante tem passado furiosamente nos cinemas. Tudo isto

mente se dirige, capaz de hipotecar os valores jurados ao altar, em nome do bem-estar financeiro do casal. No filme, este debate-se com uma crise de liquidez dramática, que ameaça a casinha de sonho que vinham construindo com tanto...amor e carinho! Este é o primeiro tiro certo de Adrian Lyne.

CASAMENTO E COMÉRCIO Na ressaca da euforia reaganomics, em que tudo parecia facilmente convertível em

tes negras da humanidade. Ou mesmo dos casamentos-contrato entre as vedetas do jet-set mundial que, por via dos históricos e ruinosos divórcios (o célebre Donald-Ivana Trump *affaire*), se assemelham cada vez mais a escrituras de compra e venda.

Ainda assim, é tido como sinal exterior de bom senso entre os mortais comuns que os tempos de amor e uma cabana passaram há muito. Quem casa quer casa e se o dinheiro não traz felicidade ajuda muito, sempre correram à boca pequena nos corações mais modestos. Maioritários. Hoje, nos dias em que as asas de Ícaro se transformaram em seringas, poucos se importam de apinhar sida por uma noite, literalmente, morrer de sexo. Por que haveriam de se incomodar por ir para a cama com alguém com a cara de Robert Redford e, ainda por cima, por uma montanha de dinheiro? O charme do actor permanece intocável para muita gente e, ainda que a idade já não encubra um aspecto mumificado, não se pode considerar a situação ofensiva. Daqui, o problema moral só pode embater na parte hipócrita das mentes. Mesmo que a sondagem do *Diário de Notícias* (20.08), diga que a esmagadora maioria dos inquiridos reprova taxativamente o comportamento deste casal.

Esta versão moderna do Fausto, põe no lugar da juventude o dinheiro, que fará os consortes felizes para sempre. Convenhamos que, apesar do Diabo aparecer na pele de Redford, era bem mais nobre o primeiro móbil. Acontece que, para os contratantes modernos do ritual casamenteiro, as duas coisas andam inevitavelmente ligadas. Contrata-se, entre outros valores, a fidelidade sexual, sim, mas também o conforto que assegure a boa prossecução da família. E nem é por mal. Sinais dos tempos, como se costuma dizer.

JOGOS CLÁSSICOS O segundo gesto na mouche de *Proposta Indecente* é a própria ideia de jogo (tão especificamente cinematográfica) que contém. Se olharmos com atenção, Lyne é especialista em atirar as cartas para a mesa e, a meio, tirar o corpo fora. Isto é, propõe o dilema e nunca o resolve. Deixa a confusão em aberto e põe muita justamente o espectador no lugar do... cornudo. Nós não temos qualquer imagem da

grande noite. Não se vê. Imagina-se. A figura da elipse, um dos trunfos eternos do cinema (como Hitchcock sabia na perfeição) tem o efeito de subornar o espectador, primeiro, para depois o deserdar do verdadeiro sentido dos acontecimentos.

Para isso contribui em larga escala o trabalho ágil do argumento. Apresenta diálogos milimetricamente adequados à situação (o que eles dizem em poucas frases, na noite fatal da decisão, é lapidário). O filme será piroso, sem dúvida: fazer amor sobre as notas verdes ou demonstrar a martelo o poder do dinheiro é de gosto mais do que duvidoso. Mal é de gosto mais do que duvidoso. Mal feito: é indesculpável, num filme deste orçamento, verem-se os microfones no plano! Reaccionário (o crime, a facada no casamento, não compensa), absolutamente. Tem, porém, o supremo valor de mexer com valores. Como as tragédias clássicas. As personagens são básicas, a intriga é linear e quase podemos ouvir em fundo o coro. Mas destinavam-se a atingir toda a gente. Ficaram na história.

Este é também um filme para o povo, e sempre foi essa a ideia. Portanto, está certo. Apesar de esteticamente ser execrável, cumpre os objectivos a que se propôs, sem precisar da mediação da

crítica. Esta torna descabidos os seus protestos técnicos num filme que dispensa intermediários. Recordemos que, na verdade, longe de ser um pecadilho, foi sempre a lógica do cinema: ser um espectáculo, de preferência popular e universal. Por outro lado, é sua vocação ser fotogénico. A saber, maior que a vida, mais real que a realidade. É deixar o espectador desfrutar confortavelmente da sua cadeira no escuro as maroteiras que não se atreve a protagonizar. A metáfora da caixa de Pandora que o casal abre, inadvertidamente, pondo à prova a tradicional invulnerabilidade dos apaixonados, serve para isso mesmo. E colhe.

O NOVO FEMININO Por fim, o filme abre alas para pensar o papel cada vez mais ambíguo da mulher no cinema. Em títulos recentes ela tem surgido muitas vezes como moeda de troca, sem nuances. Foi assim em *Uma Mulher Entre Dois Homens* (Uma Thurman era o troco), em *Lua de Mel em Vegas* e é assim aqui. De qualquer modo, no caso vertente, e por mais que o feminismo duro queira perscrutar nele uma ofensa, ela cede o corpo porque quer, mesmo que em nome (a título) dos dois.

O que se tem vindo a desenhar é uma

estranha noção de afirmação da identidade das mulheres através da profanação. Porque de personagens femininas fortes o último cinema não tem carecido. Talvez desde os dourados anos 40 não houvesse papéis como os de Geena Davies e Susan Sarandon (*Thelma e Louise*), Jodie Foster (*Silêncio dos Inocentes*), Sharon Stone (*Instinto Fatal*) ou Isabella Rossellini (*Veludo Azul*). Simplesmente, estes aparecem quase sempre ligados a essa ideia de profanação (violações, físicas e mentais) e ambiguidade (Stone é gay).

A mortificação física no ser feminino é antiga. Joana D'Arc continua a ser o seu grande paradigma. E agora, Jennifer Lynch, 25 anos, filha de David, propõe um filme onde estica esta corda até aos limites. Em *Boxing Helena*, um jovem médico amputa pernas e braços à mulher amada, para a adorar, dentro de uma redoma. Lynch conta que a melhor prenda que o pai lhe ofereceu foi ter nascido com um pé paralisado. Que, para escapar à fascinação do corpo tipicamente feminino, narciso, preferiu explorar a metáfora da posse assim. Como a Vénus de Milo, uma pessoa «estragada», lacunar, pode ser bela e muito amada. O que se passa? Que propostas indecentes são estas? T.C. ▀



Ela cede o corpo porque quer (Demi Moore)

constitui a promoção gratuita que o título mais polémico do ano granjeou. Falamos evidentemente de *Proposta Indecente*.

Cinematograficamente medíocre, é, no entanto, um objecto fascinante. Porque há-de haver algum fogo no meio de tanta fumarada mediática. A ideia de pôr a questão, cada vez mais actual, das relações entre casamento e comércio é, à partida, muito pertinente. O argumento tem como base a oferta de um milhão de dólares que um homem propõe para passar uma noite com a mulher de outro. A decisão fatal — na intimidade, cada um admite aceitar se o outro concordar — é a chave do problema, que acabou por se tornar moral. A moral da classe média, a quem o filme superior-

dinheiro, a miragem do sonho do sucesso automático ainda afecta a maioria dos americanos. Afecta por consequência o resto do mundo. E isto não é valorativo. Mesmo em Portugal, quantas casas entusiásticas do sucesso da democracia cavaquista, imaginaram feéricas cascatas de dinheiro europeu a melhorar-lhes o nível de vida? Quantas vezes o prazer de *ser* foi hipotecado ao prazer de *ter*; um carro, uma casa no melhor sítio, um monte no Alentejo? Passemos por cima dos casos em que a política origina casamentos de conveniência por motivos estritamente económicos. Ou seja, os episódios rocambolescos à cata de *green cards*, para adquirir a nacionalidade «civilizada» que as nações de bem vêm recusando avidamente às par-



Grupo: A.S. NUNES

**VÁRIAS
OPÇÕES
DE COMPRA**

**Informe-se nas
nossas lojas**



LOJAS D'ARTE & MÓVEIS -GAMA ALTA

LISBOA — Av. Almirante Reis, 127 Tel: 53 00 67

CASCAIS — R. do Mercado, Lt. 7 Tel: 483 43 78

TORRES VEDRAS — Pct.ª Calouste Gulbenkian, 16/18 Tel: (061) 31 15 21

AMORA — C.C. da Amora-Marco Severino-Fogueteiro Tel: 225 34 15

AMADORA — Av. D. Nuno Alvares Pereira, 5-B Tel: 494 56 91

CARCAVELOS — R. Paulo Jorge, 3 Tel: 457 52 89